

# LITERATURA FANTÁSTICA: O HORROR E O ROMANTISMO DE ALVARES DE AZEVEDO

Débora Carvalho Ramos <sup>1</sup>  
José Guilherme de Oliveira Castro <sup>2</sup>  
Wellingson Valente dos Reis <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho analisa o conto **Solfieri** de Manuel Antônio Álvares de Azevedo para apresentar as influências sofridas pelo narrador que criou sua personagem baseada em uma figura amplamente representada nas Literaturas Góticas do século XVIII. Para que fosse possível estudar o conto, foi realizado um estudo sobre o Fantástico, tendo como base as teorias de Todorov (2014) o qual faz uma análise estruturalista das características das narrativas Fantásticas dividindo-as em Fantástico, Estranho e Maravilhoso. Para conceituar os contos de Horror foram utilizadas as teorias de Lovecraft (2004), o qual situa o Horror e o sobrenatural na Literatura e Ceserani (2006), no qual se observa que o conto Fantástico envolve o leitor, levando a um ambiente real, e nele, as possibilidades são aceitáveis, pois só assim será possível disparar os mecanismos que causam o medo que é a principal intenção dos contos de Horror. Bosi (2006), destaca a influência do Romantismo europeu na literatura brasileira, fazendo de Azevedo um representante da Geração Byroniana no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fantástico. Romantismo. Horror.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho pretende mostrar as características da estética Gótica e do Romantismo na literatura fantástica de Álvares de Azevedo. Para isso, foram considerados os fatores como ambientação, contextos históricos, o que motivou o autor a criar contos Fantásticos, além de indicar as relações entre realidade e ficção. O mesmo está baseado em estudos bibliográficos sobre as narrativas Fantásticas, a respeito do Romantismo e do conto de Horror.

Para adentrar neste estilo literário, será utilizado o conto **Solfieri** de Álvares de Azevedo para que assim, seja possível discorrer a respeito de suas temáticas salientando as influências sofridas pelo referido autor em sua obra *Noite na taverna* (2014).

*Noite na taverna* (2014) possui uma atmosfera mórbida, ligada à vida de homens boêmios que se encontram em uma taverna e começam a contar histórias, todas com temas relacionados à melancolia e a tentativa de fuga da realidade, mas esta fuga leva-os para um universo sombrio, onde as cinco

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, IFPA. Email: dcr-mhcr@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Email: zevone@superig.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia, UNAMA. Email: wellingsonreis@uol.com.br

narrativas falam sobre temas relacionados à morte e ao pessimismo, características marcantes do chamado **Mal do século**, que se configurou pela preferência aos lugares sombrios, no qual, a figura feminina era tida como inalcançável, viviam o que atualmente é amplamente conhecido por “amor platônico”. Sonhar com a mulher amada era mais importante do que tê-la em seus braços, podemos encontrar todas estas características na referida obra do escritor brasileiro.

Nesta obra, os temas como morte, necrofilia, incesto e ocultismo estão presentes, pois faziam parte do cotidiano da sociedade que temia a morte e ao desconhecido, por serem assuntos que intrigam, despertam a curiosidade. Por esse motivo, e por serem contos, (que se caracterizam por uma leitura breve) torna-se possível alcançar o objetivo principal de uma obra de Horror, que é causar o medo comprazível no leitor. Pode-se considerar que, além de ativar a curiosidade, exige uma tomada de posição sobre o que é real, ou ficção ativando assim, a imaginação através da leitura deste gênero.

No conto **Solfieri** foi possível observar as características e influências sofridas, assim como a evolução dos temas dos contos de Horror. Percebe-se que os personagens fazem referência às antigas figuras retratadas durante a ascensão das novelas Góticas também conhecidas como Novelas Negras, e que, apesar de serem conhecidas e modificadas de acordo com o contexto histórico e regional, ainda causam a catarse do Horror, que é o medo.

## **2. LITERATURA E A ESSÊNCIA DO FANTÁSTICO**

Para iniciarmos as discussões a respeito do Horror em torno das narrativas Fantásticas será feita a contextualização dos fatores que contribuíram para a criação de obras com tais características, voltadas para os mistérios naturais que culminaram nas criações de narrativas sobrenaturais. Para isso, serão considerados fatores como a ambientação, o contexto histórico e o objetivo deste tipo de Literatura.

Com bases nessas teorias a respeito do Estranho, será possível realizar observações e análises sobre o Horror Terreno e o Horror Sobrenatural, a fim de situar o Real e o desconhecido na Literatura desde as primeiras manifestações e

motivações para a criação de Contos, Romances e Novelas Negras, também conhecidas como góticas.

## 2.1 Conceituando o fantástico na Literatura

Considera-se a narrativa Fantástica como uma das produções literárias mais marcantes do século XIX. Ante a admiração tardia pela arquitetura da Baixa Idade Média, a Literatura utiliza o imaginário referente ao período medieval para produzir obras que expressem os sentimentos de dor e mistério presentes no período que sucede os ideais iluministas e os avanços tecnológicos ocorridos no século XVIII, contrastando os ideais da Era das luzes.

Em contrapartida a este movimento racionalista, no século seguinte ascendem as histórias que valorizam as emoções e que favorecem os fenômenos imaginativos em narrativas que beiram o Horror. Diante desta nova realidade, surgem então, os estudos de Kant (2012), que retomam a ideia dos sentimentos e sensações diante da beleza das artes.

Neste ponto, em sua obra sobre *o Belo e o sublime* Immanuel Kant (2012) estabelece a relação entre a admiração e o medo, causados pelo sentimento de estupefação que levam ao estado de melancolia ou meditação, ocasionada pela sensação de inquietação do homem perante a grandeza de um determinado fenômeno artístico ou natural ocasionalmente;

Isto permite explicar o que Savary, nas suas notícias do Egito, observa: que não se tem de chegar muito perto das pirâmides e tão pouco se tem de estar muito longe delas para se obter a inteira comoção da sua grandeza. Pois se ocorre o último caso, então as partes, que são apreendidas (as pedras das mesmas umas sobre as outras), são representadas só obscuramente e a sua representação não produz nenhum efeito sobre o sentimento estético do sujeito. Se porém ocorre o primeiro, então os olhos precisam de algum tempo para completar apreensão da base até ao ápice; neste porém sempre se dissolvem em parte as primeiras representações, antes que a faculdade da imaginação tenha acolhido as últimas e a compreensão jamais é completa. (KANT, 2012, p. 61)

Esta inquietação, segundo o referido autor, é fruto da perplexidade, fomentada pelas faculdades imaginativas do homem. Para ilustrar melhor este sentimento de perplexidade e inquietação, apresentada por Kant (2012) imagine um ponto turístico com uma grande queda d'água, mas com as devidas regras de

segurança para visitação, mesmo sabendo que de certo modo é seguro estar no local, a grandeza da natureza diante do homem causa uma sensação de impotência, mas o mesmo tempo, de admiração, tornando-se algo que vai além de uma imagem puramente bela. O sublime seria então, o sentimento, a manifestação da mente diante daquilo que lhe causa um medo prazeroso.

Tem-se então, portanto, a ideia da estética sublime, que por sua vez, se relaciona com a beleza, o que provoca uma espécie de medo durante e após a sua apreciação, pois primeiro, este sentimento é despertado, guardado na memória e depois se mantêm ao retomar o pensamento de imponência junto a uma determinada manifestação natural ou artística; como é o caso do imaginário provocado pelo medo em torno das catedrais Góticas do século XIII. Fazendo deste ambiente medieval um terreno propício para as histórias de criaturas sobrenaturais, características da Literatura Fantástica.

Convém destacar que, o estilo Fantástico se contrapõe aos ideais racionalistas dos pensadores iluministas, pois requer a utilização da imaginação para adentrar no universo dos personagens míticos, relatos sobre deuses, Horror, fantasia e heróis, pois suas temáticas consistem na relação entre o real e o imaginário, o natural e o sobrenatural, o estranho e o maravilhoso, e é capaz de levar a duas realidades: uma de um mundo consciente (racional), outra de um mundo inconsciente (imaginário). Desta forma, a história Fantástica é criada a partir da dualidade entre realidade e não-realidade, por consequência;

O problema da realidade daquilo que se vê — coisas extraordinárias que talvez sejam alucinações projetadas por nossa mente; coisas habituais que talvez ocultem sob a aparência mais banal uma segunda natureza inquietante, misteriosa, aterradora — é a essência da Literatura Fantástica, cujos melhores efeitos se encontram na oscilação de níveis de realidades inconciliáveis. (CALVINO, 2004, p. 4)

Por isso, o fantástico pode ser um produto da imaginação, ou pode ocorrer por interferência de uma ilusão; na Literatura, uma obra Fantástica permite que o leitor se desprenda do mundo material e mergulhe em um mundo extraordinário. Pois tem como principal característica a fantasia, a relação entre o natural e o sobrenatural, o estranho e o maravilhoso, em outras palavras; a capacidade de compreender ou de imaginar. Todorov (2014) situa o fantástico como;

Verdade ou sonho? Verdade ou ilusão? Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros, se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante, e então esta realidade está redigida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. (TODOROV, 2014, p. 15).

Por ser inconstante, na Literatura, para Todorov (2014) o Fantástico pode entrar em dois modos literários: o *Estranho* e o *Maravilhoso*. Neles, o tempo é um puro limite entre o passado e o futuro. O Maravilhoso corresponde a um futuro, pois se adapta a um fenômeno desconhecido, ou seja, o que ainda está por vir; por outro lado, o Estranho é comparado ao passado, pois trata de feitos conhecidos, ou a uma experiência prévia.

Entre o estranho e o maravilhoso podem surgir dois subgêneros: o *Fantástico–Estranho* e o *Fantástico – Maravilhoso*. O *Fantástico – Estranho* ocorre quando uma história contém elementos e acontecimentos insólitos, que aparentemente fogem da compreensão do homem comum, mas em um determinado momento, o autor oferece alternativas para explicar os acontecimentos aparentemente irrealis, ou seja, não foram fatos sobrenaturais ou fantásticos, diz-se que foram fatos estranhos, pois o autor dá pistas e os fenômenos são explicados racionalmente.

No *Fantástico–Maravilhoso*, os acontecimentos incomuns à natureza humana não são vistos com estranheza e nem passam sensações de inquietação, por exemplo: animais falantes, tapetes voadores etc. Deste modo, o sobrenatural presente no Maravilhoso não causa temor e repulsa, mas sim o encantamento de um mundo maravilhoso de fantasias dos contos de fadas e fábulas.

As teorias de Todorov (2014) que dividem o fantástico em categorias é de fundamental importância para situar o Estranho dentro dos estudos literários, além de ser o ponto de partida para se compreender o estudo sobre o Horror, presente em Álvares de Azevedo, já que o escritor produziu seus textos dentro das características do Estranho Puro e do Fantástico Maravilhoso.

## 2.2 O real e o desconhecido na arte da palavra

Conhecida como a Arte da palavra, a Literatura surge a partir da necessidade natural humana de comunicar-se e perpetuar conhecimentos por meio de registros orais e impressos, desde as pinturas utilizadas pelas primeiras civilizações.

Apesar da palavra “Literatura” ser originária do *Latim* (*littera*) e significar “letras” as primeiras criações literárias foram feitas por meio das narrativas orais, mas por se tratarem de conhecimentos repassados pelo uso da oralidade, memorização e repetições de rituais, com o tempo as narrativas foram sofrendo modificações, ora pelo acréscimo, ora pela retirada de elementos, em outros casos, alguns textos ficavam esquecidos e por fim desapareciam.

Neste contexto, surge a necessidade de encontrar uma maneira para conservar as informações, preservar e registrar as histórias contadas pelos povos. Assim se organizou a escrita, que inicialmente foi estimulada pela necessidade de manter em forma de registro impresso, a movimentação das atividades agro comerciais, conforme as novas necessidades, ela foi se desenvolvendo, e por meio de diversos sistemas simbólicos tornou-se possível arquivar não só notas comerciais, mas também as manifestações artístico-literárias do homem. A esse respeito, Gomes (2007) ressalta que:

Além de registrar graficamente os movimentos agro comerciais daquelas civilizações, os símbolos impressos tiveram suas aplicações em outras esferas das atividades do homem, onde diversos conhecimentos começaram a ser desenvolvidos, como a Astronomia, o Direito, a Poesia etc. (GOMES, 2007, p. 5)

Nesse sentido, a partir dos registros escritos as histórias sobre heróis e deuses foram perpetuadas e puderam ser traduzidas para vários idiomas. No século XIX foram descobertas escrituras em argila que de acordo com os estudos científicos datam (2.700 a.C.), a chamada *Epopéia de Gilgamesh* pode então ser considerada como o registro literário mais antigo que envolve deuses e trevas, na narrativa, que devido às muitas semelhanças, pode ter influenciado diretamente na famosa lenda bíblica sobre o dilúvio em Gênesis mais conhecida como a história da *Arca de Noé*.

Nota-se que desde as primeiras referências literárias, as histórias continham características fantasiosas, a crença dos antigos povos em deuses e semideuses, estes seres que conforme o conhecido pela mitologia grega, eram os filhos dos deuses com os mortais, concebidos após estes descerem para a terra e manter relações com humanos. Desta relação nasciam os humanos com forças e poderes descomunais, por esse motivo eram conhecidos por semideuses.

Outro fator que pode ter contribuído para a criação de narrativas fantasiosas, foi o pouco conhecimento científico, que fazia com que os fenômenos da natureza fossem interpretados como bênção ou castigo dos seres supremos. Por esse motivo, era comum a crença em vários deuses, pois buscavam auxílio em diversas divindades com intuito de garantir boa colheita, êxito durante as guerras, etc. Sobre esta relação Lovecraft (2004) considera que,

O desconhecido, sendo igualmente o imprevisível, tornou-se para os nossos avós primitivos uma onipotente e terrível fonte de bênçãos e calamidades despejadas sobre a humanidade por razões impenetráveis e inteiramente extraterrenas, portanto pertencentes a esferas de existência de que nós nada sabemos e em que não participamos. (LOVECRAFT, 2004, p. 2)

Vale considerar então que o desconhecido contribui para a ampla criação de histórias que possuem seres extraordinários baseadas nas crenças dos povos de diversas regiões, porém, muitas escrituras contendo relatos sobre seres de outro plano ou de rituais foram destruídas pela Igreja Católica na Baixa Idade Média durante a Santa Inquisição por conterem histórias de entidades consideradas não cristãs, por consequência disso, eram tidas como histórias pagãs.

Considerada a instituição de maior poder daquela época, a instituição católica possuía grande influência perante o estado, e por sua vez, era detentora de grandes propriedades de terra e riquezas conseguindo assim, controlar as sociedades de caráter politeísta.

Esse período de dominação da igreja é considerado por alguns como a “idade das trevas” pelo fato desta manter controle sobre as manifestações artísticas, entretanto, houve nesta época amplas produções, sobretudo nas artes sacras, principalmente em forma de pinturas e nas construções arquitetônicas.

Diante disso, percebe-se que a Literatura mescla desde suas primeiras produções elementos do mundo real e de um mundo idealizado, esta dualidade entre mundo real e mundo sobrenatural é fruto da tendência do homem para acreditar em seres de outro mundo, e neles depositar expectativas para uma existência melhor, para que assim possam encontrar respostas diante das inquietudes da vida.

Essa evasão diante de uma realidade não satisfatória e desejada, estimulou e ainda estimula o hábito de inserir seres maravilhosos na sociedade com auxílio das obras fictícias, no entanto, somente a partir do século XIX, surgiram estudos introdutórios que buscaram definir conceitos acerca desta dualidade entre real e imaginário na Literatura denominando-a de “Fantástico”. O filósofo Tzvetan Todorov foi um dos primeiros autores a teorizar a respeito do Fantástico, ressaltando que o primeiro a mencionar o referido termo de fato, foi o também filósofo Vladimir Soloviov.

A partir da contribuição destes dois teóricos foi possível compreender que o efeito fantástico é fruto da vacilação entre o natural e sobrenatural, dessa forma, “Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico” (TODOROV, 2014, p. 16).

Assim, tal tese leva a considerar que a oscilação entre o real e o sobrenatural só se torna possível, pois consiste na imitação dos elementos físicos pertencentes ao mundo natural e por mais que uma obra possua temas não comuns ao cotidiano do leitor há impossibilidade de desprendimento total da veracidade, pois dificilmente existirá história puramente fictícia, mas sim uma história fictícia com elementos do mundo real, assim sendo, a recriação da realidade se dá pelo o que Aristóteles (1991) em sua obra sobre a *Poética* definiu de *mímesis*, que é a imitação da realidade pela arte. A verossimilhança seria então, a responsável por permitir a oscilação entre os dois ambientes, o ficcional e o real.

Ceserani (2006) observa que “o conto fantástico envolve fortemente o leitor, e leva-o para dentro de um mundo familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação e do medo”. (CESERANI, 2006, p. 71).



Considera-se então, que a relação entre o real e irreal seria a responsável pela sensação de inquietação diante dos acontecimentos sobrenaturais ou estranhos, os efeitos de deslumbre ou medo produzidos após leitura de textos fantásticos são consequências desta relação de familiaridade com o mundo real, como ocorre ao ler ou ouvir uma história de Horror onde uma boneca passa por fenômenos sobrenaturais, as características físicas de um objeto semelhante serão facilmente associadas ao brinquedo da história, causando receio e/ou medo, convém dizer que a familiaridade dos aspectos psicológicos e materiais levam à catarse que simboliza a libertação das emoções de acordo com a teoria de Aristóteles (1991).

Presume-se então, que após a leitura de um conto de Horror, a reação do homem será o medo diante daquilo que lhe é estranho. “Do mesmo modo, elementos estruturais do discurso mimético, como o **reconhecimento**, a **peripécia** e a **catástrofe**, são todos avaliados em relação às sensações que podem suscitar no receptor – entre elas, vale lembrar, o *phóbos* (medo)” (FRANÇA, 2008, p. 115). O fantástico então seria a modalidade literária capaz de fazer o leitor vivenciar aquilo que lhe causa medo, porém de uma maneira prazerosa. Para Todorov,

o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor —medo, Horror ou simplesmente curiosidade—, que os outros gêneros ou formas literárias não podem suscitar. Em segundo lugar, o fantástico serve à narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite uma organização particularmente rodeada da intriga. (TODOROV, 2014, p.50)

A narração é, portanto, característica predominante da Literatura Fantástica, os fatos geralmente se encontram no passado em forma de relato, cabendo ao leitor posicionar-se diante dos acontecimentos fora do comum, como a presença de criaturas noturnas que se alimentam de sangue humano, homens que se metamorfoseiam em animais, entre outras narrativas que sugerem a partir de fatos aparentemente sobrenaturais, mas que muitas vezes possuem uma explicação lógica.

Outro ponto importante de se explanar nesse estudo que se verificará como características das personagens nos contos, diz respeito à palidez. Em tempos de poucos estudos e recursos tecnológicos, os conhecimentos medicinais eram escassos, e por isso, doenças como a Catalepsia, a qual os sintomas são a

perda da consciência, sinais vitais fracos, quase imperceptíveis e palidez; levando a pessoa a ficar com aspecto de morta, considerando que eram sepultadas vivas, pois dependendo do grau, o ataque poderia durar horas ou até dias e após o sepultamento o indivíduo despertava.

O desespero de encontrar-se dentro de um caixão o levava a forçar a saída com chutes e arranhões, ao serem ouvidos os gritos da pessoa enterrada recorriam à exumação do corpo, mas o enterrado vivo morria por falta de oxigênio antes de ser resgatado, o que sobrava então eram apenas as marcas de unhas e resquícios da violência das batidas pelas paredes da urna.

Tais fatos induziam à ideia da existência de mortos-vivos. Passou-se a acreditar que os mortos retornavam à vida e para que não pudessem sair do caixão eram introduzidas estacas de madeira no peito. Esses fatos, talvez, expliquem o surgimento das narrativas em torno dos vampiros, e da estaca; que antes era usada no intuito de prender o corpo na terra, passou a ser associada a uma maneira de matar uma criatura que já está morta, pois mesmo que a pessoa pudesse sair do estado cataléptico, a perfuração no peito causada pela estaca matava de fato, não permitindo o retorno, por isso as marcas de tentativa de saída do jazigo deixavam de existir.

Apesar de possuir uma explicação lógica para os fatos, o que predomina é o fantástico na narrativa. Todorov caracteriza este tipo de manifestação como Estranho, que são:

Os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional. O caráter insólito desses acontecimentos é o que permitiu que, o personagem e o leitor acreditassem na intervenção do sobrenatural. (TODOROV, 2014, p. 25)

Deste modo, as explicações existentes para pessoas que sofriam dessa patologia estariam no Estranho para o referido autor.

Mesmo com fatos que podem explicar o mal que pode ter dado início ao mistério em torno da lenda dos vampiros, até hoje estes seres servem de inspiração para diversas obras literárias e pode-se considerar como mais marcante, a versão de Bram Stoker (século XIX) com *Drácula* (1897) baseado em relatos em torno da vida do príncipe da Valáquia Vlad Tepes III que reinou em meados do século XV.

Estes seres hematófagos tornaram-se personagens assíduos das histórias que se enquadram na subdivisão do Fantástico denominado de “Estranho”, este modelo literário foi amplamente manifestado a partir do século XVII nos romances Góticos que utilizam em sua maioria a ambientação de castelos, cemitérios e construções antigas herdadas da arquitetura Gótica do século XIII, esta admiração tardia pelo antigo estimulou o uso do imaginário, inserindo tais personagens do mundo misterioso no interior das imponentes catedrais e prédios urbanos dessa arquitetura.

### **3. O HORROR E O ROMANTISMO**

Assim como no Fantástico, as manifestações que levaram ao que atualmente se conhece por Romantismo, tiveram início após o movimento Iluminista, que buscava desenvolver conhecimentos sobre a natureza, e por meio desta racionalização, os homens alcançariam a verdade absoluta, visto que, os desenvolvimentos tecnológicos e filosóficos proporcionaram diversos avanços sociais e políticos, porém, à medida que a ciência crescia, os sentimentos, as emoções e as fantasias eram esquecidos, pois não eram relevantes nesse período.

Ao passo que estes avanços aconteciam, foram se formando correntes que pretendiam retomar os sonhos e encantamentos, então aos poucos foram ganhando o espaço que antes era dominado pela razão, cresce deste modo, os temas ao redor das paixões, natureza, arquitetura e principalmente a figura feminina, mas esse encantamento não manifestava felicidade, e sim sentimentos nostálgicos e introspectivos.

O pessimismo do homem romântico era baseado na desesperança, diante da realidade positivista existente naquele período. Por isso, o romântico recorre ao sobrenatural para evadir-se da atual realidade em que vive, promovendo fenômenos imaginativos em torno da natureza e das construções antigas.

Foi responsável pela ascensão dos romances e novelas, que envolvem mortes, amor não correspondido e idealizado, a admiração pelo sofrimento e pela

morte são as principais características do pessimismo do romantismo e também da estética Gótica, percebe-se então que, neste estilo literário;

Os enredos dos romances góticos do século XVIII são recheados de mistérios, angústias, surpresas, fatos maravilhosos, acontecimentos assustadores e emocionantes, idealizando a morte e o erotismo, tudo isso porque o mundo do “real” precisava ser desestabilizado (BELINATO e COQUEIRO, 2013 p. 2)

Conhecido como mal do século, esse movimento literário estendeu-se por grande parte da Europa, consagrando diversos autores como Walpole (1996) representando o lado sombrio do Romantismo e Goethe, que retrata a supervalorização dos sentimentos e o bucolismo, além de retratar a morte como libertadora de todos os sofrimentos do homem.

Estes sentimentos eram como um “convite ao suicídio”, já que a morte era mais fortemente lembrada do que a vida. A morte era tida como o escape para todos os sofrimentos do romântico. Por trabalhar com características universais, observa-se que o movimento romântico não ficou restrito aos países europeus, estendeu-se também para América do Norte e do Sul. No Brasil, o escritor que se destacou por utilizar essas temáticas foi Álvares de Azevedo.

O poeta e escritor Álvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo no dia 12 de setembro do ano de 1831, é o patrono da Cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras. Em 1847 ingressou na faculdade de Direito do Largo de São Francisco, durante o curso fundou a revista da Sociedade Epicureia, traduziu o quinto ato de Otelo, de Shakespeare e Parisina de Lord Byron destacando-se pela facilidade em aprender línguas. Não concluiu o curso, pois aos 21 anos incompletos foi vitimado pela tuberculose, porém, a causa de sua morte deu-se devido a uma queda de cavalo que piorou a situação do seu tumor na fossa ilíaca.

Todas suas obras foram publicadas em livro postumamente: os poemas de *Lira dos Vinte Anos* (1853), a peça teatral *Macário* (1852), e o livro de contos *Noite na Taverna* (1855), iniciou também o poema *Conde Lopo*, mas deste restam apenas fragmentos.

Azevedo, de acordo Bosi (2006), possuiu grande influência no segundo período romântico no Brasil conhecida também de Geração Byroniana por conter temáticas ligados a supervalorização das emoções pessoais, a idealização da

mulher, a ironia, o sarcasmo, tédio constante, negativismo, fuga da realidade por meio dos sonhos e da fantasia.

Os membros dessa geração, assim como Azevedo, consideram a morte como a solução para os sofrimentos, pois para os românticos quanto mais o homem vive, mais ele sofre, percebe-se então o porquê do fascínio pela morte como se pode observar:

O byronismo tornou-se um modismo tanto na Literatura européia quanto na Literatura brasileira. A sua influência foi tamanha que todo estudante e todo poeta contemporâneo de Azevedo, que dominava a língua inglesa, traduziu algo desse bardo inglês. Ler Byron tornou-se moda entre os jovens da primeira metade do século XIX. Byron ditou moda não só na Literatura, mas também a sua maneira de se vestir e de se postar diante da sociedade, o seu jeito rebelde e altivo foi imitado pelos jovens rebeldes do ocidente. Suas vestimentas pretas e impecáveis tornaram-se marcas da juventude seguidora do byronismo. (CAVALCANTE, 2009, p. 2-3)

O descontentamento diante da sua realidade monótona e a constante ameaça da tuberculose, que foi maior causa de morte da população de sua época, acometeu o irmão e alguns colegas de faculdade de Álvares, deixando-o ainda mais angustiado. Tais fatores incorporaram ao espírito do jovem poeta sarcástico, o sentimentalismo exacerbado e melancolias do Romantismo europeu.

#### **4. O HORROR NO ROMANTISMO: SOLFIERI**

Quando se conhece um Gênero Literário logo se imagina que sua escrita e seus temas serão sempre os mesmos, ou que seu tipo de produção necessita de um modelo em que os textos devem estar baseados de acordo com as suas características. É bem verdade, que as restrições e as características estruturais auxiliam na individualidade e reconhecimento de uma determinada obra, porém deve-se considerar as especificidades, motivações e influências dos autores analisados não só pela estrutura, mas também pelos elementos que compõem a narrativa de Horror.

Para chegar ao Horror deve-se considerar primeiramente os caminhos percorridos que o distingue das demais Literaturas. Baseando-se em uma divisão estruturalista, considera-se o esquema abaixo, criado no presente trabalho:

GÊNERO→NARRATIVA→FANTÁSTICO→ESTRANHO→HORROR

↓  
[ HORROR ROMANTICO ]

Percebe-se então que o Horror não está isolado de divisões existentes na Literatura, muito pelo contrário, está situado no Fantástico, onde é possível encontrar as definições teóricas que permitem integra-lo ao Estranho.

Por isso, se pode observar que o Horror contém elementos específicos e consequentemente restritivos, primeiramente por possuir caráter poético, que nesse caso, seria a Poética do Medo, mas não é nossa intenção conceitua-lo com base nesta arte poética, pois o que se pretende, é discutir e analisar a obra de Azevedo no que tange aos sentimentos, ideias, temas mitológicos e lendários.

Uma vez que, este tipo de Literatura encontra-se estreitamente vinculada a esses temas em diversas situações, com a intenção de causar medo e inquietação. Apesar de existir diferença nos períodos históricos-temporais entre os autores a intenção é a mesma, no caso, despertar o medo comprazível no leitor.

Cabe então, observar o gênero literário que melhor se adequa e onde mais se manifestam as histórias que provocam medo, também conhecidas como narrativas de Horror, nesse caso, o gênero em questão é o conto, pois o autor que escreve este tipo de narrativa pretende causar um impacto instantâneo no leitor, por esse motivo, grande parte das histórias de Horror requerem narrativas breves para que o interesse e atenção de quem lê sejam mantidos do início até o fim do relato.

Vale lembrar que a catarse do Horror, é o medo, ou seja a reação do homem diante daquilo que lhe é estranho. Visto que, “no conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção” (POE, 1942 apud GOTLIB, 2006, p. 35).

*Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo é a obra responsável por inaugurar a estética Gótica no Brasil, a construção do homem romântico feita pelo

autor possui forte influência do que estava sendo realizado na Europa, já que este traduziu por diversas vezes obras que estavam em evidência na época. Especificamente na Inglaterra do século XVIII.

Como grande inspiração do autor, temos Lord Byron, Álvares constrói histórias e personagens nos moldes da estética Gótica europeia em especial, *Noite na Taverna* (N.T<sup>4</sup>), que foi considerada um marco do soturno no Brasil.

Composta por sete contos, percebe-se desde o início, os elementos pertencentes à estética Gótica como: exaltação à escuridão, à noite, à lua, ao vinho, à embriaguez e correlações com a morte; além de que, os nomes de todos os narradores dos contos são nomes tipicamente europeus.

N.T inicia-se com o conto “Uma noite no século”, nele, é apresentado, o local em que os narradores se encontram, ou seja, a própria taverna, e o estado de embriaguez dos protagonistas. Em meio à bebedeira, os amigos conversam enquanto as mulheres “[...] dormem ébrias, macilentas como defuntos” (AZEVEDO, 2014, p. 13).

Logo, percebemos que na taverna restam acordadas apenas as taverneiras e um homem loiro chamado Arnold que cambaleia bêbado e em seguida adormece, restando acordados apenas os personagens- narradores: Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius hermann, e Johann. Eis então, que estes embriagados, sem a agitação comum de tavernas, meio entediados decidem agitar a alta madrugada com histórias de Horror.

-agora ouvi-me, senhores! Entre uma saúde e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha de vinho, como os braços do carniceiro no cepo gotejante, o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos- como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg! (AZEVEDO, 2014, p. 17)

Nesse tempo, entre goles e goles de vinho, os cinco personagens iniciam suas Histórias inventadas (ou não), pois, o autor não explicita se as histórias realmente haviam acontecido, ou se tratava apenas de ilusões dos homens bêbados.

Lançado o desafio, na narrativa de Azevedo, primeiro a contar a história sanguinolenta é Solfieri:

---

<sup>4</sup> A partir desta página será assim nomeado o livro: Noite na Taverna.

Pois bem, dir-vos-ei uma história.  
Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte  
grossa bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado  
-Solfieri! Solfieri! Aí vens com teus sonhos!  
- Conta!  
Solfieri falou: Os mais fizeram silencio. (AZEVEDO, 2014, p. 17)

Para iniciar o segundo conto em N.T, o autor utiliza uma epígrafe, retirada da obra *Cain* de Lord Byron com a seguinte passagem: “Contudo um beijo em sua pálida porcelana e em seus lábios uma vez ardentes – meu coração, meu coração!” (AZEVEDO, 2014, p. 18). Em seguida começa o relato em primeira pessoa de Solfieri, que narra uma noite em que estava em Roma, que segundo ele, é a cidade da perdição e do fanatismo, lá o sacerdote dorme à vontade com mulheres que não é casado, sob um crucifixo lívido, uma mistura de amor, gozo e blasfêmia.

No fim da narrativa, indaga Bertram sobre ele se lembrar de uma imagem que viu por trás da cortina, Bertram pergunta quem era, e seu nome. Solfieri diz que não importa, pelo fato dele desconversar, os companheiros duvidam de sua história, ele por sua vez, jura por seu pai conde e bandido, e por sua mãe que era a bela mesalina das ruas que é verdade.

No fim da narrativa, já alterado abre a camisa e mostra uma grinalda de flores secas, garante que guardou como amuleto, e que o crânio de sua virgem sepultada em baixo de seu quarto, estava ressecado assim como aquelas flores.

## **5. CARACTERÍSTICAS DO HORROR E DO ROMANTISMO EM SOLFIERI**

A narrativa presente no livro de Alvarez de Azevedo, claramente dialoga com a Literatura Fantástica europeia, trazendo muitas características do conto de horror e romantismo Bayroniano. Solfieri possui personagens que foram amplamente usados no período romântico europeu, personagens que foram ganhando novas formas e novas características, com o passar do tempo, até chegarem ao que conhecemos atualmente como Vampiros.

Vale lembrar que esses personagens possuem uma espécie de realidade palpável, no caso, esta realidade está na própria figura humana, ou seja, o medo se dá pelo fato destes personagens serem humanos diferenciados, que por algum motivo, foram tocados pelas forças sobrenaturais e estão um nível acima dos



humanos “comuns” vivendo em mundo de fantasia e mistério o qual o homem não ousa entrar.

A mítica do Vampiro, apareceu séculos atrás, o imaginário e o medo em volta dessas figuras chegaram a provocar um ataque de histeria coletiva, pois as vítimas de Catalepsia, na época a doença deixava as pessoas como mortas, quando o surto passava, “retornavam do mundo dos mortos”, fez com que durante um tempo os indivíduos fossem sepultados com estacas no coração, aumentando o imaginário em torno do sobrenatural não só pelos fenômenos, mas também com objetos e rituais para enfrentar o desconhecido.

Com o passar do tempo, estes fatos foram retornando ao cotidiano da sociedade em forma de histórias fantásticas, sejam elas para adultos ou infantis. No romantismo, o sobrenatural toma novas proporções, baseado naquilo que é real, surgem as novelas góticas, que traziam estes personagens em um período de intensa racionalização do homem, a tentativa de fugir da realidade acrescentou novas doses de imaginação na criação de histórias Fantásticas, envoltas de uma ambientação antiga.

Em N.T percebe-se desde o início, por meio das epígrafes, a tentativa de aproximar as obras criadas na segunda geração do Romantismo brasileiro com obras estrangeiras. Desde modo, observa-se que ele mesmo anuncia as fantasias que estão por vir em N.T. E assim como Lovecraft utiliza elementos reais para reacender o imaginário e causar o medo no leitor.

A obra possui um ambiente soturno, construções antigas e a hesitação a respeito do que é real ou fantasia cabendo ao leitor decidir se os fatos foram baseados em sonhos, ou se são produtos da imaginação humana.

Em Solfieri existe a imagem do Vampiro romântico, ou seja, além de usar a figura feminina ele retrata a imagem voluptuosa em volta desses seres, no caso, ele utiliza a sedução valorizada pelo homem romântico, ele vê beleza e atração pela imagem pálida e sem vida da primeira personagem que aparece no conto.

O autor não explicita bem se ela se tratava de uma vampira ou não, mas de uma maneira implícita faz o leitor perceber a maneira sobrenatural quando após seguir a mulher misteriosa ele se encontra sozinho em um cemitério junto a uma cruz, e provoca a hesitação ao revelar que a noite dormida ao vento frio lhe causou febre.

Nesse ponto, pode-se considerar que foi apenas um sonho causado pela febre, porém o narrador, no recorte feito da obra *Cain* de Byron remete ao vampirismo, pois durante muito tempo acreditou-se que Cain, a figura Bíblica, fosse o primeiro vampiro da história.

Caim teria recebido um castigo de Deus por ter matado cruelmente seu irmão Abel, este castigo consistiria em não poder caminhar sob a luz do sol, sentir atração por sangue, já que Cain não conseguia matar animais, e suas oferendas para Deus eram sempre frutos. Além de que na obra de Byron, Cain tinha uma obsessão por entender o que acontece após a morte, assim sendo, o último castigo segundo a obra *Cain* seria não desfrutar da experiência de morte.

Por esses motivos considera-se que a mulher misteriosa que encantou Solfieri e o guiou até um cemitério seria uma vampira de fato, e o resultado do encantamento foi a obsessão do personagem pela mulher falecida, já que descobriu que ela sofrera de catalepsia (doença associada aos vampiros) depois que ele já tinha mantido relações sexuais com ela, ou seja, ele era necrófilo, pois sentiu atração por uma mulher aparentemente morta e dentro de um caixão.

O conto pode ser classificado como do Romantismo, naturalmente é preciso considerar o estilo do autor, pois Azevedo trabalha com a estética Romântica, da bebedeira e dos amores impossíveis, para montar seu vampiro, além da ambientação noturna, mediante esta construção que os fenômenos sobrenaturais aparecem, provocam a dúvida se realmente aconteceram ou foram causados pela febre, já que em *Solfieri*, os personagens principais ao vivenciarem os fatos estranhos estavam fora de seu estado normal de consciência.

Assim as duas obras permitem que de alguma maneira seja de fato possível, as manifestações estranhas presentes nos dois contos, e esta possibilidade é que alcança o objetivo do conto de Horror, que é causar o medo em quem lê.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo de *Solfieri* permitiu que fossem mostrados os pontos que configuram a narrativa como sendo de Horror, pois o homem desde o início de sua existência buscava manter contato com o sobrenatural, sejam elas

motivadas pela religião, ou simplesmente por entretenimento. O fato é que sempre existiu a tentativa de explicar coisas inexplicáveis por meio da literatura, primeiramente pela oralidade, depois pelos registros escritos.

Neste ponto percebeu-se que as novelas Góticas, também conhecidas como Novelas Negras tiveram seu início no século XVIII e até os dias atuais exercem grandes influências na literatura, filmes e até mesmo em outros meios midiáticos. O gosto pelo antigo da literatura Gótica é compartilhado nas novas histórias de Horror, pois é muito comum encontrar o ambiente medieval e a admiração dos leitores por este passado desconhecido, e que os fazem querer mergulhar nesse universo de Vampiros.

Esta tentativa de fugir da atual realidade por meio das histórias é que faz estes tipos de narrativas adquirirem novos elementos, personagens com novas personalidades e aparências. Como é o caso da narrativa estudada neste artigo, ela possui as mesmas características de um personagem criado há trezentos anos, porém sofreram modificações devido às influências e intencionalidades dos autores.

No entanto, não deixam de tentar buscar os acontecimentos passados assim como as primeiras novelas Góticas, porque enquanto existir o sentimento do sublime em voltas das imponentes construções antigas, o homem vai tentar inserir seres folclóricos e imaginar como seria ter vivido em uma época tão distante, mas que ainda se faz presente em forma de edificação.

## **FANTASTIC LITERATURE: THE HORROR AND THE ROMANTISM OF ALVARES DE AZEVEDO**

**ABSTRACT:** This paper analyzes Solfieri's short story by Manuel Antônio Álvares de Azevedo to present the influences suffered by the narrator who created his character based on a figure widely represented in the Gothic Literatures of the 18th century. In order to study the short story, a study on the Fantastic was made, having as basis the theories of Todorov (2014), who makes a structural analysis of the characteristics of the Fantastic narratives, dividing them into Fantastic, Strange and Wonderful. In order to conceptualize the short stories of Horror it was used the theories of Lovecraft (2004), which places the Horror and the supernatural in Literature and Ceserani (2006), in which it is observed that the Fantastic short story involves the reader, guiding him to a real environment where the possibilities are acceptable, for just thus it is possible to bring about the mechanisms that cause the fear that is the main intention of the short stories of Horror. Bosí (2006), highlights the influence of European Romanticism in Brazilian literature, turning Azevedo into a representative of the Byronian Generation in Brazil.

**KEYWORDS:** Fantastic. Romanticism. Horror.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Á. *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

AZEVEDO, Á. *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BELINATO, A. ; COQUEIRO, W . O contraste da figura da morte nos contos 'Sofiere', de Álvares de Azevedo, e 'A morte de máscara rubra', de Edgar Allan Poe. In: *VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica*, 2013, Campo Mourão. VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 2013. p. 1-11

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALVINO, I. *Contos fantásticos do século XIX : o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAVALCANTE, M. A presença do BYRONISMO na produção literária de Álvares de Azevedo. *RevLet – Revista Virtual de Letras*. Jataí. V. 1, n.1, p. 01-16, 2009.

CESERANI, R. *O fantástico*. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

FRANÇA, J. Terror, Horror e Repulsa: Stephen King e o cálculo da recepção. In: IV Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional: tensões entre o sólito e o insólito, 2008, Rio de Janeiro. *Anais do IV Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional: tensões entre o sólito e o insólito*. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2008. v. 1. p. 115-121.

GOMES, E. *A escrita na história da humanidade*. Manaus: Dialógica, 2007.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006

KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

LOVECRAFT, H. P. *O Horror Sobrenatural na Literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 2004.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

WAIPOLE, Horace. *O Castelo de Otranto*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

Data da Submissão: 29/04/2018

Data da Aprovação: 24/07/2018